



PRECISAMOS FALAR SOBRE VIOLÊNCIA ESCOLAR:

pesquisadores defendem que debate é necessário e urgente

WE NEED TO TALK ABOUT SCHOOL VIOLENCE:

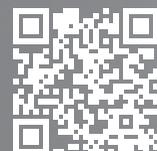
researchers argue that debate is necessary and urgent

Por/By: Guilherme Profeta

O texto a seguir é uma publicação da revista bilingue Uniso Ciência, da Universidade de Sorocaba, para fins de divulgação científica.

The following story is part of the bilingual magazine Science @ Uniso, published by the University of Sorocaba, for the purpose of scientific outreach.

Acesse aqui a edição completa/
Follow the link to access
the full magazine:



Vinte de abril de 1999, Littleton, Colorado, Estados Unidos. Dois estudantes do Ensino Médio, de 18 e 17 anos, adentram a Columbine High School, escola em que estudavam, vestindo casacos pretos e munidos de armas de fogo e bombas caseiras. Naquele dia fatídico — e provavelmente motivados pelo fato de terem sofrido *bullying* na condição de estudantes do mesmo colégio —, eles matariam dez estudantes e um professor, antes de finalmente cometer suicídio. O caso ficou famoso em todo o mundo, recebendo ampla cobertura jornalística e inspirando outras ocorrências semelhantes: os ataques na Escola Secundária de Red Lake, em 2005 (10 vítimas fatais); na Virginia Tech, em 2007 (33 vítimas fatais); na Universidade de Binghamton, em 2009 (14 vítimas fatais); na Escola Secundária de Sandy Hook, em 2012 (28 vítimas fatais); todos nos EUA. No Brasil, há evidências de que o ataque na Escola Estadual Raul Brasil, em Suzano, São Paulo, ocorrido em março de 2019, foi igualmente inspirado pelos acontecimentos de Columbine. Dez vítimas fatais, incluindo os dois assassinos, foram contabilizadas nessa ocorrência. Já em março de 2023, um estudante da Escola Estadual Thomazia Montoro, em São Paulo, também referenciou nas redes sociais o caso de Suzano, antes de matar uma professora idosa a facadas.

Dentre todas as configurações que a violência escolar pode assumir, os tiroteios em massa ou os ataques perpetrados por meio de outras armas (facas, bombas etc.) — justamente por seu caráter de espetáculo midiático — são provavelmente as mais lembradas, sejam esses ataques cometidos por membros da própria comunidade escolar ou por invasores externos (a exemplo do ataque à creche ocorrido em Blumenau, no estado de Santa Catarina, em abril de 2023, que deixou 4 crianças mortas). Mas vale lembrar que existem inúmeras outras formas de violência, não raro mais veladas, que podem se manifestar nas escolas, em vários sentidos (entre os próprios estudantes, dos estudantes aos docentes, dos docentes aos estudantes, da gestão escolar aos docentes), de modo que se faz necessário, para acadêmicos da Educação e de áreas afins (a Psicologia, a Comunicação etc.), tomar a violência por objeto de suas pesquisas, de modo a compreendê-la como um fenômeno sociocultural e, assim, contribuir para que sejam coibidas suas manifestações extremas.

April 20th, 1999, Littleton, Colorado, United States of America. Two high school students, 18 and 17 years old, wandered into Columbine High School, where they used to study, wearing black coats and carrying firearms and homemade bombs. On that fateful day—probably motivated by the fact that, as students, they had been bullied at the same school—they would kill ten of their peers, as well as one teacher, before finally committing suicide. The case became famous worldwide, receiving extensive media coverage and inspiring other similar incidents: the attacks at Red Lake High School in 2005 (10 fatalities); at Virginia Tech in 2007 (33 fatalities); at Binghamton University in 2009 (14 fatalities); at Sandy Hook Elementary School in 2012 (28 fatalities); all in the US. In Brazil, there is evidence that the attack that took place at Raul Brasil State School (*Escola Estadual Raul Brasil*), in Suzano, São Paulo, in March 2019, was equally inspired by the events at Columbine. Ten fatalities, including the death of the two perpetrators, were recorded in this incident. In March 2023, a student from Thomazia Montoro State School (*Escola Estadual Thomazia Montoro*), in São Paulo, also referenced the Suzano case on social media before stabbing an elderly teacher to death.

Among all the different shapes that school violence can take, mass shootings or attacks perpetrated by the use of other weapons (knives, bombs, etc.)—precisely due to their media appeal—are probably the most remembered, whether these attacks are committed by members of the school community itself, or by external invaders (like the attack on a day care center that took place in Blumenau, in the state of Santa Catarina, Brazil, in April 2023, which resulted in the death of four children). But one should keep in mind that there are countless other forms of violence, often more veiled, that can manifest in schools in many different ways (from one student to another, from students to teachers, from teachers to students, from school management to teachers), so it is necessary, for academics studying Education and related fields (Psychology, Communication, etc.), to consider violence as an object of their research, in order to understand it as a sociocultural phenomenon, and thus contributing to the curbing of its extreme manifestations.

AGRESSÃO OU VIOLÊNCIA?

Segundo a professora doutora Sylvia Fernandes Labrunetti, coordenadora do curso de graduação em Psicologia da Universidade de Sorocaba (Uniso) e cuja pesquisa de doutorado teve como tema a agressividade no ambiente escolar, a agressão pode ser considerada um comportamento inato ao ser humano, que está baseado em nosso instinto de sobrevivência e que se faz necessário em momentos em que essa sobrevivência é ameaçada. “Violência, por sua vez”, ela explica, “é um fenômeno que tem base no poder sobre o outro, na invasão e no desrespeito a regras pré-estabelecidas socialmente para o convívio entre as pessoas. Estamos falando, por exemplo, de atos como furto e roubo, depredação do ambiente, mentiras etc. A violência é aprendida e, portanto, pode ser considerada ‘cultura’”.

“A violência é um fenômeno que tem base no poder sobre o outro”

Ela lembra que, nessa perspectiva, o próprio ato de educar pode ser considerado violento. “Isso se dá quando pensamos na educação como uma atividade de poder sobre o outro, de sujeitar o outro a determinados padrões. Dizer que a educação é ‘violenta’ significa pensar que ela possui, em geral, essa característica de invasão ao outro. Não significa, absolutamente, que ela não é necessária; pelo contrário: é fundamental que o ser humano passe pelos processos educativos para conseguir estabelecer regras de convivência e, assim, conseguir se socializar. Porém, esse processo deveria se dar, idealmente, de modo democrático, e não de modo impositivo.”

TIPOS DE VIOLÊNCIA

No Brasil, uma visão geral de como a violência se manifesta nas escolas pode ser obtida por meio do Registro de Ocorrência Escolar (ROE), um banco de dados mantido pela Secretaria de Educação do Estado de São Paulo (SEE-SP), em que os diretores de escolas estaduais devem registrar quaisquer crimes ou atos violentos que aconteçam nesses ambientes escolares.

AGGRESSION OR VIOLENCE?

According to professor Sylvia Fernandes Labrunetti, coordinator of Uniso’s undergraduate program in Psychology, and whose doctoral research focused on aggressiveness in the school environment, aggression is an innate behavior manifested by all human beings, which is based on our survival instinct. Therefore, it is necessary at times when our survival is somehow threatened. “Violence, on the other hand,” she explains, “is a phenomenon that is based on power over others, on the act of invasion, and on disrespect for pre-established social rules designed for the coexistence of people. We are talking, for example, of acts such as theft, depredation, lies, among others. Violence is learned, and therefore can be considered ‘culture’.”

“Violence is a phenomenon that is based on power over others”

She recalls that, looking from this perspective, the very act of educating others can be considered violent. “One can understand it like that if we think of education as an act of power over others, of subjecting others to certain standards. Stating that education is ‘violent’ means to understand its aspect of invading other individuals. It does not mean it is not necessary though; on the contrary: it is fundamental that human beings go through the educational processes in order to establish rules of coexistence, thus being able to socialize. However, this process should take place in a democratic way, ideally, and not in an imposing way.”

TYPES OF VIOLENCE

In Brazil, an overview of how violence takes place in schools can be obtained through the School Occurrence Registry (*Registro de Ocorrência Escolar*, in Portuguese), which is a governmental database through which state school principals are required to record any crimes or violent acts that occur in these school environments.

No sistema, as ocorrências são classificadas em sete tipos, que se desdobram em diferentes especificidades: **danos e outros crimes contra o patrimônio** (vandalismo e depredação, invasão, roubo, furto), **violência interpessoal** (agressão física, agressão verbal, ameaça, discriminação, *bullying*, ação violenta de grupos e/ou gangues), **consumo e/ou venda de álcool e outras drogas** (uso de drogas lícitas, uso de drogas ilícitas, venda de álcool ou tabaco para menores, tráfico e/ou venda de drogas ilícitas, apreensão de álcool e/ou outras drogas), **posse de armas e/ou outros objetos perigosos**, **violência sexual** (assédios, abusos, estupro), **questões disciplinares** (episódios recorrentes de indisciplina, utilização indevida de aparelhos eletrônicos, saída injustificada de atividades pedagógicas) e **outros problemas de vulnerabilidade** (ausência não autorizada pelos pais ou responsáveis, evasão, identificação de casos de maus tratos e/ou abandono, desaparecimento de estudantes, violência autointligida, acidentes, óbitos).

A título de exemplo, num **ARTIGO** publicado pelas pesquisadoras Priscilla Albuquerque Tavares e Francine Carvalho Pietrobon (externas à Uniso), sobre os fatores associados à violência escolar no estado de São Paulo, entre os meses de janeiro de 2007 e maio de 2009, 46,8% das escolas estaduais de São Paulo registraram ao menos um caso de violência, sendo a depredação da estrutura física da escola a ocorrência mais frequente no que diz respeito a danos contra o patrimônio e as agressões entre estudantes as mais frequentes no que diz respeito a atos contra seres humanos. Atos extremos como os tiroteios em escolas estadunidenses ou o homicídio da professora no colégio paulistano, em março de 2023, ainda são ocorrências raras, mas constituem riscos em potencial, que não devem ser negligenciados.



Siga o link para ler o artigo (em português):
Follow the link to read the paper (in Portuguese):



Within the system, occurrences are classified into seven types, which unfold in different specificities: **damage and other crimes against property** (vandalism and depredation, invasion, theft), **interpersonal violence** (physical aggression, verbal aggression, threat, discrimination, bullying, violent action perpetrated by groups and/or gangs), **consumption and/or sale of alcohol and other drugs** (use of licit drugs, use of illicit drugs, sale of alcohol or tobacco to minors, trafficking and/or sale of illicit drugs, seizure of alcohol and/or other drugs), **possession of weapons and/or other dangerous objects**, **sexual violence** (harassment, abuse, rape), **disciplinary issues** (recurrent episodes of indiscipline, misuse of electronic devices, leaving teaching activities without proper authorization), and **other vulnerability problems** (absence not authorized by parents or guardians, evasion, identification of cases of domestic abuse and/or negligence, students gone missing, self-inflicted violence, accidents, deaths).

According to a **PAPER** published by researchers Priscilla Albuquerque Tavares, and Francine Carvalho Pietrobon (external to Uniso), on the factors associated with school violence in the state of São Paulo between January 2007 and May 2009, 46.8% of state schools in São Paulo registered at least one case of violence, with depredation of the school's physical structure being the most frequent occurrence when it comes to property damage, and aggression among students being the most frequent one when it comes to acts against human beings. Extreme acts such as the shootings that take place in US schools, or the stabbing of a teacher inside the premises of a school in São Paulo, in March 2023, are still rare occurrences, but they do constitute potential risks that should not be neglected.

O PAPEL DO PROFESSOR

Para Labrunetti, para o avanço de uma sociedade, é fundamental que os educadores reflitam sobre sua função social, inclusive em relação à mediação da violência. “De certa forma, o conhecimento e a autocritica constante instrumentalizam os educadores para que eles repensem seus atos e suas mediações, como parte do cotidiano escolar. Obviamente, professores em constante aprimoramento, que estejam recebendo cuidados com relação à sua própria saúde (sobretudo a mental), possuirão mais recursos para mediar conflitos e encaminhar situações de acordo com cada contexto.”

“Um país que violenta seus educadores não tem como esperar uma sociedade não violenta”

Por outro lado, ela argumenta, é injusto colocar sobre o professor o peso de toda a responsabilidade por essa mediação. “Para seguirmos pela mesma linha de raciocínio, pensando na violência como submissão de poder, devemos nos lembrar de que o professor está no centro dessa rede sociométrica, uma vez que ele também sofre violências sociais, institucionais e governamentais, e está à frente dos estudantes e da prática educacional em si (onde está sujeito a ser vítima ou a perpetrar violências). Assim, estamos diante da necessidade de políticas públicas que favoreçam que a escola tenha professores preparados, em número e qualidade. Muitas vezes, o educador se vê sem saída diante de tantos desafios, justamente por estar submetido a muitos tipos de violência, e eu destaco aqui a violência política e ideológica, que é o início de todo esse processo, além do risco da violência física. Um país que violenta seus educadores não tem como esperar uma sociedade não violenta. Vejo o papel da academia como fundamental na disseminação dessas discussões.”

THE ROLE OF TEACHERS

For Labrunetti, it is essential, for the advancement of a given society, that educators do reflect on the social role they play, including regarding the mediation of violence. “In a way, knowledge and constant self-criticism instrumentalize educators so that they are able to rethink their actions and their mediations, as part of the school day-to-day life. Obviously, teachers undergoing constant improvement, who are often receiving proper care regarding their own health (especially mental health), will find themselves possessing more resources to mediate conflicts according to each context.”

“A country that commits violence against their own educators cannot expect a non-violent society”

On the other hand, she argues, it is quite unfair to place the entire burden of responsibility for this mediation on the teacher alone. “Following that same line of reasoning, and thinking of violence as submission to power, we must remember that teachers are at the very center of this sociometric network, which means they also suffer from social, institutional and governmental violence, while being right in touch with students, in charge of the educational practice itself (where they can become either victims or perpetrators of violence). Therefore, there is this urge for public policies that enable schools to have trained teachers, in number and quality. Often, educators find themselves stuck due to so many challenges, precisely because they are subjected to many kinds of violence themselves, and here I highlight political and ideological violence, which constitutes the beginning of this whole process, in addition to the risk of physical violence as well. A country that commits violence against their own educators cannot expect a non-violent society. I see the role of academia as fundamental in disseminating these discussions.”

O PAPEL DA ACADEMIA

O professor doutor Rodrigo Barchi, docente do Programa de Pós-Graduação em Educação da Uniso e cuja **DISSERTAÇÃO** de mestrado tratou de danos ao patrimônio escolar (mais especificamente, da pichação sendo compreendida como um ato político), destaca que a universidade — apesar de muitas vezes ser compreendida como um estrato diferenciado — também é um espaço escolar.



Siga o link para ler uma reportagem sobre a pesquisa: Pichações nas escolas sob o olhar da educação ambiental libertária (jun./2018)

Follow the link to read a story on the research: Graffiti at school according to the perspective of the libertarian environmental education (Jun./2018)



“Precisamos nos lembrar de que, na universidade, também reverberam todos os discursos e sentidos produzidos pela (e sobre) a violência, mesmo que não seja esse o âmbito em que ocorre de fato essa violência mais explícita”, defende Barchi. “Expõem-se, no ambiente universitário, de modo relativamente tácito, as marcas que a violência crava na subjetividade de cada estudante, funcionário e professor. E é por ser justamente um espaço em que não ocorre a violência mais crua e visceral — como nas próprias escolas do Ensino Básico, a exemplo daquela em que, no dia 27 de março de 2023, a professora Elizabeth Tenreiro, 71 anos, foi barbaramente esfaqueada e morta por um adolescente de 13 anos — que é necessário se aproveitar dessa relativa ‘paz’ para ampliar o pensamento ao redor da violência: suas causas, suas consequências e seus efeitos.”

Para o pesquisador, faz-se necessário, ainda, diagnosticar, investigar e compreender as outras formas de violência, mais veladas, que existem nas escolas, incluindo as universidades: violências de gênero, raça, contra minorias e portadores de necessidades especiais, ecológicas, culturais e econômicas. “E essas são análises muito mais difíceis”, ele destaca, “devido à capilaridade e à

THE ROLE OF ACADEMIA

Professor Rodrigo Barchi, from Uniso’s graduate program in Education, and whose Master’s **THESIS** focused on the damaging of school property (more specifically, on graffiti made by students being perceived as a political act), points out that the university—despite being understood by many as a higher stratum—is also a school space.

“We need to keep in mind that, at the university, all those discourses and meanings produced by (and about) violence do reverberate, even if it is not the context where explicit violence—such as the stabbing of Elizabeth Tenreiro, 71, a Basic Education teacher, brutally killed by a 13-year-old teenager on March 27, 2023—actually takes place,” Barchi argues. “Within the university environment, in a relatively tacit way, the marks that violence engraves on each student, employee and professor are exposed. And it is precisely because it is a relatively safe space, where the most raw and visceral forms of violence do not take place, that it is necessary to take advantage of this ‘peace’ to broaden the thinking around violence: its causes, its consequences, and its effects.”

The researcher states it is also necessary to diagnose, investigate, and understand the other forms of violence, more veiled, that exist in schools, including universities: violence of gender, race, against minorities and people with special needs, as well as ecological, cultural, and economic violence. “And these analyses are much more difficult to make, due to the capillarity and fleeting nature of these other forms of violence, embedded within the breadth of everyday life at a university. Considering what we

fugacidade dessas outras violências na amplitude do cotidiano universitário. Perante o que vemos nas escolas brasileiras, e já em algumas instituições universitárias, esse debate é mais do que urgente.”

Especialmente porque, apesar de não ser a primeira vez em que esse tipo de ocorrência extrema — um ataque deliberado com vítimas fatais — acontece no Brasil, não existe, no país, uma tradição de se trabalhar a fundo essa problemática. É o que pensa o professor doutor Rafael Ângelo Bunhi Pinto, coordenador do Programa de Pós-Graduação em Educação da Uniso. “Quando ocorrem ataques de ampla repercussão, os casos são naturalmente trazidos à evidência, mas não há a constituição de políticas de longo prazo para o combate a essas questões”, ele conclui. “No nosso caso, como universidade, nossa responsabilidade é discutir o problema em dois níveis. Em relação à primeira de nossas linhas de pesquisa, ‘Políticas, Gestão e História da Educação’, a temática da violência escolar se insere no âmbito da concepção e da elaboração de políticas públicas relacionadas aos papéis do Estado e da escola no mundo contemporâneo, envolvendo uma formação cidadã que contribua para um estudante mais crítico e reflexivo, que possa combater qualquer tipo de violência. Já na linha ‘Cotidiano Escolar, Práticas Educativas e Formação de Professores’, também há uma contribuição quanto ao estudo de questões relacionadas ao próprio dia a dia da escola e das atividades educativas realizadas pelos docentes para a formação desses estudantes.”

Na Uniso, essa discussão constituirá a temática da segunda edição do **Encontro de Pesquisadores em Educação Escolar (EPES-Uniso)**, a ser realizada em outubro de 2023. As **INSCRIÇÕES**, gratuitas, estão abertas para pesquisadores da Educação e de áreas afins até o dia 30 de setembro.



Siga o link para se inscrever e ter mais informações sobre o II EPES-Uniso (evento online, transmissões em português)

Follow the link to access the registration form, and check more information on the conference (online event, transmissions will be held in Portuguese)



are facing in Brazilian schools, and even in some universities, this debate is more than urgent.”

Especialmente porque, apesar de não ser a primeira vez que esse tipo de ocorrência extrema—uma deliberação com vítimas fatais—has happened in Brazil, there is no tradition, in the country, of taking this issue as seriously as it should be taken. That is what professor Rafael Ângelo Bunhi Pinto, coordinator of Uniso’s graduate program in Education, thinks. “When there are cases like this, which receive a lot of attention from the media, the issue of school violence is naturally brought to the fore, but no long-term policies are created to combat these happenings in the future,” he concludes. “In our case, as a university, our responsibility is to discuss the problem on two levels. Regarding the first one of our lines of research, ‘Policies, Management, and History of Education,’ the topic of school violence can be addressed when it comes to the conception and elaboration of public policies, thus related to the roles of the State and the school in the contemporary world. It involves an education that aims at more critical and reflective citizens, who should be able to combat any type of violence. As for the other line of research, ‘Daily Life at School, Educational Practices, and Teacher Training,’ studies on violence address issues related to the day-to-day life at school environments, and all activities carried out by teachers and professors as part of the educational process.”

At Uniso, this discussion will constitute the theme of the **2nd Conference of Researchers on School Education (EPES-Uniso)**, in the Portuguese acronym), to be held in October 2023. **REGISTRATIONS** are free of charge, and are open to researchers working in Education and related fields until the 30th of September.”